

PsittaScene Outono de 2013

Traduzido por André B. Saidenberg

Sumário

- 2 Mensagem da Editora - *Joanna Eckles*
- 3 Descobertas nas penas – *Genética das Ararinhas-da-Patagônia*
- 11 Básicos do forrageamento – *update sobre as Araras-de-garganta-azul*
- 16 Status de vôo – *Mantendo psitacídeos com capacidade de vôo*
- 20 Obrigado ~ David Occhino – *Nosso novo design!*
- 22 PsittaNews – *Notícias e Eventos*
- 23 Contatos do WPT
- 24 Psitacídeos na natureza

Mensagem da editora

Novo design! Mais conteúdo de qualidade! Nós frequentemente brincamos em nossa casa sobre aqueles produtos que eram muito familiares e subitamente aparecem com um “novo look”. Pode ser bastante surpreendente quando as conhecidas bolachas que você conhecia desde pequeno subitamente aparecem em uma embalagem diferente. Esperamos que você fique agradavelmente surpreso conforme explora nosso novo look, não somente na PsittaScene, mas por toda as nossas publicações online e impressas.

Por muitos anos nós temos nos divertido fazendo pequenas mudanças no design e jeito da PsittaScene para melhor destacar os incríveis psitacídeos e fazer a revista mais convidativa e fácil de ler. Queremos que você saboreie, aproveite, e cobice a revista e que cada edição permaneça na sua mesa da sala até que a próxima edição chegue.

Estes são objetivos bastante grandiosos numa era onde as publicações impressas estão sendo retiradas em favor das mais rápidas e menos intrincadas versões online. Nós com certeza utilizamos o poder das publicações online também. Mas temos também pesquisado com nossos membros e apoiadores e descobrimos que ter a coisa real – uma revista impressa – é de grande valia. Concordamos e nos esforçamos para continuar melhorando e que você aproveite utilizando-a para conectar a um conteúdo mais amplo online.

Nesse ano nós trabalhamos com um designer fabuloso, David Occhino, para refinar a aparência do World Parrot Trust como um reflexo de quem nós somos e do trabalho que fazemos. David nos ajudou a traduzir essas ideias visualmente e então trazer esse look e consistência para todas as nossas publicações (leia na página 20). Para a PisttaScene, ele pegou o que criamos e nos ajudou a visualizar no próximo nível. Conforme fazíamos essa edição juntos, descobrimos uma divertida coincidência – David recentemente adotou uma Ararinha-da-Patagônia. Que prazer exibir essa espécie espetacular na primeira página utilizando o design de David. Leia sobre as intrigantes novas revelações sobre a genética desses psitacídeos Sul Americanos; sua origem, sua história e seu parentesco.

Nessa edição nos também temos novidades fascinantes sobre as Araras-de-garganta-azul que retornamos para “casa” para a Bolívia em Março como parte de nosso projeto de conservação e um grande artigo sobre os benefícios de se manter as habilidades de voo dos psitacídeos de estimação.

Esse artigo surgiu de uma mensagem direcionada à nossa página “Pergunte ao expert” em www.parrots.org que por sua vez resultou em um excelente podcast sobre o assunto. Aproveite essa edição e cheque online pelos extras como esse podcast – Jim McKendry e Charlie Moores são ambos música para os ouvidos.

E como sempre, nos conte sobre como estamos nos saindo!

Joanna Eckles

Nas capas

FRENTE Ararainhas-da-Paragônia (*Cyanoliseus patagonus*) também conhecidas como periquitos barranqueiros. Elas são famosas pela sua massiva colônia reprodutiva no nordeste da Patagônia. O penhasco em El Condor é o lar de 70.000 psitacídeos e de 37.000 ninhos ativos. Uma nova pesquisa utilizando análise genética das penas nos ajuda a entender o parentesco e fluxo genético entre populações. © Pablo Petracci

Citação:

Os habitantes locais estavam surpresos de estarmos perguntando sobre aqueles psitacídeos aparentemente comuns e barulhentos. Descobertas nas penas, p. 4

Descobertas nas penas

Escrito por Juan F. Masello e Petra Quillfeldt

Imagine um penhasco de arenito sem fim de frente para o Oceano Atlântico. Em frente ao penhasco, orcas, baleias francas do sul, golfinhos do Rio de La Plata, leões marinhos e uma variedade de outras criaturas nadam e pulam. Mas nossa atenção é irresistivelmente direcionada para o barulho vindo do penhasco. Os gritos e chamados de 70.000 psitacídeos voando como habilidosos acrobatas aéreos.

As Ararinhas-da-Patagônia (*Cyanoliseus patagonus*) retornaram para procriar vindas dos locais desconhecidos e misteriosos onde passam inverno. Ali, em frente de nós, em El Cóndor, nordeste da Patagônia, está a maior colônia de psitacídeos do mundo! Ela percorre 12,5 Km de paredões de arenito e contém 37.000 ninhos ativos!

Um frenesi de preparação de ninhos e escavações, juntamente com uma barulhenta troca de novidades nos cerca. Nós observamos com cuidado, fazemos anotações, coletamos amostras e observamos um pouco mais. Temos estudado essas aves e seu comportamento reprodutivo desde 1998. Todos os anos, algo novo e incrível acontece. Mas em 2007 e 2008 nos preparamos para aprender mais. Embarcamos em um estudo filogenético, ou seja, para aprender como essas aves chegaram aqui, onde mais elas existem e como as diferentes populações são aparentadas.

Preparando-se para esse trabalho nós fizemos pesquisas durante semanas. Seleccionamos páginas de livros empoeirados e esquecidos e periódicos para criar uma lista de 130 locais potenciais para procurar por outras colônias de Ararinhas-da-Patagônia. Algumas dessas colônias eram conhecidas pela ciência, porém mais eram suspeitas de existirem.

Nós saímos de El Cóndor e começamos uma longa jornada através da região do Monte na Argentina. Monte é uma vasta área de cerrado espinhoso, por vezes um lugar rigoroso que abunda em todas as formas de vida. O Monte, com sua inesperada grande diversidade de vida e beleza, se estende por mais de um milhão de quilômetros quadrados, aproximadamente um sexto da superfície da Argentina.

Apesar de seu valor e beleza, o Monte está sob severa ameaça: a expansão das fronteiras agrícolas começou a dividi-lo, fragmentá-lo. A taxa anual de desmatamento da vegetação nativa no Monte, o mais importante habitat das Ararainhas na Argentina, foi estimada em 3.7% ao ano em sua porção mais ao sul.

Essa taxa de desmatamento é 10 vezes maior do que a média mundial (0.4%). Recentemente, campos de soja surgem em todo lugar, arruinando o solo e o ecossistema, e depois de alguns anos de lucros, os próprios fazendeiros.

Nossa lista continha os nomes de muitos locais, alguns deles esquecidos, mas não muitas dicas sobre como encontrá-los. Esperávamos encontrar todas as colônias e desvendar a evolução da espécie. Tínhamos esperança de entender como nós, humanos, através de nossas ações afetamos o curso de mais de 4 bilhões de anos de evolução. Foi um incrível desafio que compensou as muitas horas de trabalho em locais remotos e solitários.

Os objetivos principais de nosso estudo foram:

Descobrir a estrutura populacional fundamental da espécie, determinar as suas origens geográficas e sugerir possíveis rotas de colonização.

Estudar o papel dos Andes como uma barreira potencial para fluxo gênico entre as populações da Argentina e Chile.

Determinar se uma zona híbrida existe entre as duas subespécies *C. p. andinus* (NO-O Argentina) e *C. p. patagonus* (C-SE Argentina), e se indivíduos de uma terceira subespécie reconhecida *C. p. conlara* (O-C Argentina) são híbridos tal como tem sido sugerido.

Determinar a extensão pela qual fatores ecológicos e climáticos influenciam a estrutura populacional.

Considerando o valor para a conservação dessa espécie chave, sua distribuição potencialmente restrita em relação a fatores climáticos, e a degradação sem monitoramento de seu habitat preferido, essas questões são importantes para determinar as estratégias de conservação.

Nós nos dirigimos para os sopés dos Andes, e então para as estepes da Patagônia. Dirigimos longas horas na maior parte por estradas de terra, algumas vezes sem estradas. Ao aproximar-nos de um dos locais potenciais, paramos em uma pequena vila onde o tempo parece ter parado há muito tempo atrás.

Os habitantes locais estavam impressionados em nos ver perguntando sobre os seus aparentemente comuns psitacídeos, intrigados que achávamos esses locais solitários e secos dignos de um projeto de pesquisa. Conforme conversamos, descobrimos que alguém sabia sobre as aves; eles as haviam visto naquele pequeno vale há muito tempo atrás.

Conforme mais e mais pessoas apareceram para ajudar, descobrimos que alguém mais havia escutado psitacídeos perto do riacho alguns dias atrás. Com essa informação, começamos longas caminhadas de exploração – horas sob o sol quente, até que finalmente alcançamos uma colônia de psitacídeos. Então

coletamos amostras: penas azuis, verdes e vermelhas deixadas para trás após a muda de penas.

Essas penas naturalmente coletadas possuíam respostas para nossas perguntas. Delas mais tarde iríamos extrair o DNA, analisar a informação genética e costurar a estória e história dessas maravilhosas aves.

Dessa maneira, uma após a outra, com a ajuda de pessoas entusiásticas, descobrimos as colônias que estávamos procurando. Após duas estações de pesquisa de campo, dirigindo 14.000Km através da Argentina e Chile, descobrimos o que muito provavelmente representa todas as colônias reprodutivas das Ararinhas-da-Patagônia – 66 locais no total. Pudemos coletar amostras de penas de 64 dessas colônias.

Durante a primeira campanha – 2007 na Argentina – nós fizemos algumas observações muito significativas que merecem maiores estudos:

Diversos ornitólogos argentinos indicaram que as Ararainhas e os *Eudromia elegans* são as aves mais representativas da vegetação do Monte. Descobrimos que essa declaração está correta. Em locais onde reportamos um Monte saudável, não fragmentado, ambas as espécies prosperam. Em locais onde o Monte está altamente alterado ou ausente, ambas espécies estão totalmente ausentes.

Essa observação faz das Ararinhas (uma ave fácil de detectar entre a vegetação densa) particularmente útil como indicador para o monitoramento de longo prazo do ecossistema altamente ameaçado do Monte.

Diversas outras espécies de aves, entre elas aves de rapina ameaçadas, sempre estavam presentes nas colônias de Ararinhas-da-Patagônia, mas frequentemente ausentes em outros locais da região do Monte. Isso sugere importantes relações entre as espécies;

Muitas espécies de aves juntamente com as espécies vulneráveis de abelhas e vespas utilizaram cavidades abandonadas utilizadas pelas Ararinhas para nidificação. Nós vimos isso por toda a região do Monte. Em muitas partes dessa região, com poucas árvores grandes, o número de cavidades disponíveis para nidificar pode ser um fator limitante para muitas espécies. Nossas observações recentes sugerem um papel muito importante das Ararinhas como uma grande fornecedora de cavidades para o ecossistema do Monte.

De volta ao laboratório nossas descobertas nas penas revelaram uma imagem filogeográfica fascinante. Uma imagem cheia de surpresas!

Em primeiro lugar, nossa análise confirmou quatro grupos de populações: três na Argentina que chamamos de Andinus, Patagonus 1 e Patagonus 2 e um grupo Bloxami distinto e diferente encontrado exclusivamente no lado chileno da distribuição da espécie. É óbvio que um fluxo gênico muito limitado através dos Andes deixou as populações de *C. p. bloxami* (= grupo Bloxami) tanto geneticamente quanto fisicamente distintas de todas as outras Ararinhas-da-Patagônia. Portanto, descobrimos uma clara separação entre as populações chilenas e argentinas.

Não encontramos apoio para a existência de uma subespécie intermediária *C. p. conlara*. Portanto indivíduos *C. p. conlara* são híbridos entre os grupos Andinus e Patagonus ocorrendo na província de San Luis, Argentina central. As análises também mostraram que em San Luis uma zona híbrida permaneceu estável por muitos milhares de anos.

Por último, pudemos confirmar a origem chilena para as Ararinhas, com um único evento de migração através dos Andes, dando origem a todas as linhagens Argentinas. Essa migração ocorreu há aproximadamente 125.000 anos atrás.

Implicações para conservação

A clara separação entre as populações Argentinas e Chilenas é muito importante do ponto de vista da conservação. As Ararainhas são classificadas como espécie “ameaçada” na lista vermelha de vertebrados do Chile. Isso é porque apenas 5.000-6.000 indivíduos permanecem em duas regiões chave no país. A singularidade da *C. p. bloxami* demonstrada em nosso estudo genético, em adição a seus números relativamente baixos, resulta que os esforços de conservação para esta população são válidos e que quaisquer outras ameaças devem ser evitadas.

As Ararinhas-da-Patagônia são consideradas uma praga agrícola na Argentina. Esse rótulo permanece apesar do fato de que muito pouco dano às plantações foi mensurado e onde ocorre, é somente em locais muito específicos. Nossos alunos pesquisaram esse problema e descobriram que o dano real às plantações devido à psitacídeos é menos de 1% das reclamações. De qualquer maneira, as Ararainhas tem sido tradicionalmente perseguidas como uma praga, e como consequência diversas colônias tem sido destruídas ou muito reduzidas em tamanho.

Infelizmente esse foi o destino da maior colônia anteriormente conhecida da espécie, localizada no rio Quequén Salado, na província de Buenos Aires. No meio dos anos 70 essa colônia continha por volta de 45.000 ninhos. Somente poucas centenas permanecem hoje.

A coleta de Ararinhas para o comércio de animais de estimação é tradicional na Argentina e tem afetado severamente as populações da Patagônia. O dano foi

bastante severo para que o governo regional da província de Río negro banir toda a caça e comércio. Neste momento, essa proibição protege efetivamente todas com exceção de sete colônias na Patagônia, e inclui a maioria da população de *C. p. patagonus* (aproximadamente 40.000 ninhos).

Mas temos de lembrar um resultado importante do estudo filogeográfico: que a diversidade genética na Patagônia é dividida em duas geneticamente distintas, ainda que fisicamente (fenotipicamente) populações indistintas (Patagonus 1 and Patagonus 2).

Devido a que as aves parecem-se fisicamente idênticas, elas são impossíveis de serem manejadas separadamente. Um problema adicional com os grupos genéticos de *C. p. patagonus* é que 93% dos indivíduos pertencendo a elas estão localizados em uma única colônia – El Cóndor. Infelizmente El Cóndor ainda não é legalmente protegida devido a conflitos sem fim com os interesses locais.

Também é localizada numa área do Monte que está passando pela degradação do habitat. Portanto, a existência continuada da Ararainha na Patagônia é incerta.

Um resultado negativo da proteção das populações da Patagônia é o evidente aumento no valor comercial da população de *C. p. andinus*. Nossa pesquisa recente demonstrou que os números totais da população de *C. p. andinus* soma não mais de 2.000 ninhos. Essas populações são diferentes tanto geneticamente e fisicamente da *C. p. patagonus*.

Elas incluem uma unidade evolutivamente significativa que parece ter sido isolada pelos Andes ao oeste e uma zona estável híbrida ao sudeste. Nós defendemos uma proibição completa do comércio de Ararainhas nas províncias de Mendoza, San Juan, La Rioja, Catamarca, Tucumán, e Salta.

Essa proibição e o desenvolvimento de medidas de conservação locais, particularmente dos paredões com colônias, são cruciais para a sobrevivência dessa população.

Um novo projeto no Chile

Durante uma visita aos colegas chilenos da Universidad Católica del Norte, que cooperaram conosco no projeto filogeográfico, soubemos sobre a situação crítica da colônia de Ararainhas em Cerro Tololo, IV Región, Chile.

Essa colônia tem sido alvo de intenso tráfico por muitos anos. Ela conseguiu sobreviver, ao contrário de muitas outras colônias no Chile, graças à proteção organizada (em seu tempo livre e por seus próprios meios) pelos astrônomos trabalhando no Observatório Interamericano.

Em diversas ocasiões durante a estação reprodutiva das aves, os astrônomos e suas famílias acamparam de frete para a colônia de maneira a protegê-la dos traficantes. Quando soubemos dessa ação inventiva e corajosa para conservação, sentimos que devíamos ajudá-los a proteger a colônia.

Em 2009 com o apoio do WPT, nós trabalhamos com Oscar Saa e Guido Castillo Iglesias para desenvolver ações para uma ação renovada de proteção À colônia. Primeiramente desenhamos um panfleto educacional para os habitantes locais. A educação sempre foi uma peça central de nosso trabalho com as Ararinhas.

Em 2009 e 2010, visitamos a região ao redor da colônia em Cerro Tololo, visitamos as escolas locais, demos palestras, entregamos os primeiros panfletos e entramos em contato com os habitantes de maneira a aprender com eles sobre a situação local de conservação.

A partir desse trabalho, era óbvio que ações diretas para a proteção da colônia eram necessárias. Juntamente com Oscar e nossos colegas na Universidade, concordamos que a maneira mais efetiva para proteger essa colônia seria contratando guardas durante a estação reprodutiva. Começamos essa ação direta, com patrocínio do WPT, na estação reprodutiva de 2010. Como resultado, “picos blancos” foram vistos voando ao redor da colônia.

Isso significa que pela primeira vez em anos, as Ararinhas adultas reproduzindo nessa colônia conseguiram com sucesso criar filhotes. Os jovens de Ararinha são fáceis de serem distinguidos devido ao seu bico mais branco, que fica preto depois da idade de quatro meses. Esperamos ser capazes de continuar nosso trabalho em Tololo e que o céu estará não apenas cheio de estrelas (para os astrônomos), mas também cheio de jovens trichahues (para todos nós)!

Esse trabalho foi patrocinado pelo World Parrot Trust (WPT), Comissão de pesquisa da Sociedade de Ornitólogos Alemães (DO-G), Max Planck Institute for Ornithology, e pela Wildlife Conservation Society (WCS). Análises de laboratório e estatística feitas em cooperação com os colegas do Instituto Konrad Lorenz de Etologia (Viena) e Universidade de Freiburg (Alemanha).

Fotos:

A maior colônia de psitacídeos no mundo é o lar de milhares de Ararinhas-da-Patagônia em El Cóndor, nordeste da Patagônia.

Os ninhos nesse setor do estudo são marcados de maneira a verificar o sucesso reprodutivo. Os casais reutilizam os ninhos por vários anos.

As Ararinhas tipicamente ficam com seus parceiros por todo o ano.

As estepes sem fim são o lar das populações de Ararinhas na Patagônia.

As populações Andinas são muito menores do que aquelas na Patagônia. Aqui nós vemos quase todos os indivíduos pertencentes a essa colônia em La Rioja, Argentina.

A busca por colônias necessitou de longas caminhadas, algumas vezes por leitos secos de rios sazonais.

O paredão em El Cóndor tem 25-30m de altura o que o torna seguro para as Ararinhas, mas difícil para os pesquisadores acessarem!

(abaixo) Muitas espécies de aves utilizam as cavidades das Ararainhas para nidificar e reproduzir.

As populações da Patagônia tem uma faixa de vermelho muito vivo no abdome – um ornamento sexual sujeito a seleção mútua.

A distribuição histórica e atual das morfologicamente diferentes subespécies de Ararainhas mostra uma grande contração da distribuição durante o século 20.

Logo antes do final do dia, milhares de Ararinhas se juntam nos fios elétricos perto da colônia em El Cóndor. Uma impressionante mostra de cores, habilidades de voo e vocalizações muito barulhentas! Limpeza e socialização são muito importantes na a vida de uma Ararinha.

As Ararinhas são incríveis acrobatas. Observá-las chegar nas colônias é uma experiência inesquecível.

Um filhote de aproximadamente seis semanas é anilhado durante o monitoramento de seu crescimento. O bico esbranquiçado fica preto após quatro meses.

Básicos do forrageamento

UPDATE: Treinando araras para soltura

Escrito por José Antonio Díaz Luque, Igor Berkunsky, Helen Müller e Katrina Heckendorn.

É 06:30 da manhã aqui na Bolívia. O dia começou nublado, mas não temos tempo para esperar. Precisamos encontrar alimentos selvagens na floresta para nossas 6 aves. Nossa equipe de voluntários não liga para o nível da água nas savanas inundadas ou para o número de mosquitos tentando “comê-los”. Eles apenas sabem

quanto é importante ter todos os tipos de frutas nativas disponíveis nas panelas das araras para nosso trabalho diário. Eles amam esse trabalho e os psitacídeos!

As seis Araras-de-garganta-azul (*Ara glaucogularis*) de cativeiro chegaram do Paradise Park, Reino Unido e fizeram história ao serem as primeiras dessa espécie a serem repatriadas para a Bolívia (leia PsittaScene, Maio 2013) para reintrodução na natureza. Elas também são um laboratório vivo para refinar nossos procedimentos para a mudança na dieta previamente à soltura.

Nos projetos de reintrodução, familiarizar os animais com a dieta nativa é um passo crucial para maximizar a sua sobrevivência após a soltura. A dieta natural da Arara-de-garganta-azul inclui uma variedade de frutas nativas tais como as palmeiras de motacú (*Attalea phalerata*) e totaí (*Acrocomia aculeata*). Baseados das observações sobre o forrageamento das Araras, está claro que a motacú é especialmente importante.

Além do valor crucial como alimento, essas palmeiras também contém as cavidades utilizadas para nidificar. Estabelecendo o relacionamento entre essas aves e a palmeira motacú é um fator chave para que prosperem na natureza aqui.

A motacú cresce em cachos e as frutas individuais tem uma casca dura que protege a polpa altamente nutritiva e gordurosa que recobre a semente. As araras descascam a motacú para alcançar a polpa que elas separam das sementes. No Paradise Park as araras tinham uma dieta que incluía ração peletizada Kaytee, sementes, nozes, e uma variedade de frutas não nativas da Bolívia. Prévio à soltura as aves precisam mudar completamente para uma dieta nativa. Estamos contentes em relatar que a mudança foi terminada completamente em seus primeiros meses na Bolívia.

Somando-se ao objetivo imediato de “desmamar” as aves para alimentos selvagens, nós também fizemos extensas observações para testar a eficácia de nossa estratégia de mudança na dieta assim como o sucesso nas diferentes técnicas para introduzir alimentos nativos. Também testamos várias técnicas para medir a quantidade de comida que as aves manipulam em comparação com a quantidade de alimento que elas realmente comem. Nós melhoramos nosso conhecimento imensamente ao aprender juntamente com essas seis maravilhosas aves - Berto, Azura, Bella, Arlo, Cruz e Chica. A sua chegada no Centro de Conservação para a Arara-de-garganta-azul foi uma das partes mais maravilhosas do projeto de recuperação.

Apresentação do alimento

A apresentação do alimento é uma arte! Nós humanos gostamos de preparar e modificar o alimento para melhorar a sua aparência. Fizemos o mesmo com as aves. Oferecemos uma combinação de alimentos nativos e não nativos e trabalhamos devagar com o objetivo de: para fora com o velho e que venho o novo! Inicialmente as araras receberam exatamente o que era oferecido no Paradise Park, incluindo ração peletizada Kaytee e uma variedade de frutas não nativas, nozes e

sementes. A seleção das nozes com casca e sem casca foi lentamente reduzida até castanhas do Pará (com casca), em quantidades gradativamente menores.

O alimento nativo incluiu uma variedade de 20 espécies nativas, a maior parte das quais estavam em nosso banco de dados como alimentos que as Araras-de-garganta-azul foram observadas se alimentando. Também incluímos espécies de plantas nativas que outros psitacídeos foram observado comendo, especialmente outras araras selvagens encontradas na mesma área que as Araras-de-garganta-azul incluindo Ararinhas-de-colar (*Primolius auricollis*), Araras Canindé (*Ara ararauna*) e Maracanãs-guaçú (*Ara severus*).

Os alimentos nativos foram oferecidos enquanto estavam na estação. Algumas frutas eram especialmente difíceis de introduzir, tal como a motacú. Foi oferecida inicialmente com casca, mas as araras não se interessaram! Nós imediatamente começamos a experimentar com diferentes técnicas; oferecendo a motacú descascada, pedaços de polpas, então somente a polpa grudada com castanhas-do-Pará e finalmente adicionamos de volta o motacú com casca. Conforme o número de motacú descascados e pedaços consumidos pelas araras aumentaram, as castanhas-do-Pará cobertas com polpa foram rapidamente reduzidas.

No primeiro mês nós oferecemos os alimentos não-nativos e nativos juntos logo de manhã. Após isso começamos oferecendo o alimento nativo separadamente, 2 horas antes, de maneira a continuar aumentando o interesse das aves e o consumo de alimento nativo. Juntamente com os voluntários nós passamos horas conversando sobre o processo de mudança na dieta de maneira a compartilhar observações sobre o comportamento das aves e fazer progressos a cada dia.

Observações da alimentação

Imediatamente após o alimento ser oferecido, as aves eram observadas por 2-4 horas quase diariamente, de um esconderijo, exceto quando chovia durante a alimentação. Os seis indivíduos são diferenciados com uma tinta não-tóxica em diferentes locais em seus peitos. Durante as observações todos os itens alimentares pegos por cada ave eram anotados. Um total de 461 horas e 4 minutos de observações foram feitos nos 178 dias resumidos aqui. O prato de alimentos foi removido do recinto a cada tarde e alimento não era deixado durante a noite para aumentar a possibilidade das aves se alimentarem durante as observações.

Nós pesamos todos os alimentos de cada tipo sendo oferecido e todo o alimento após a alimentação. A diferença entre o que era oferecido e o que restava, ou seja o alimento removido, era considerado como correlação com o alimento consumido. As araras não pareciam remover e descartar do prato alimento que não gostavam a não ser que estivesse em cima de algo que elas queriam!

Em adição ao alimento sendo oferecido no prato, galhos de frutas nativas eram pendurado no recinto desde a primeira semana para imitar situações naturais de alimentação. Mais tarde começamos ter um ao dia a cada semana quando eles recebiam alimentos nos galhos. A única maneira das aves comerem nesses dias era

comer nos galhos. Os galhos eram substituídos quando não havia mais frutos neles, quando a fruta estava muito madura, quando as araras os destruíam ou quando o dia de colocar galhos terminou.

Em somatória aos galhos naturais de motacú, nós criamos cachos artificiais ao espetar motacú em um arame preso à haste de um cacho vazio de maneira que os frutos pudessem ser facilmente removidos. Tivemos de fazer isso porque os cachos naturais maduros não eram sempre possíveis de serem encontrados. Algumas vezes quando nós os encontramos e começamos a cortar o galho, todos os frutos também começam a cair. Você pode ver como todo nosso dia era quase totalmente consumido com o forrageamento pelos alimentos nativos!

O dia dos galhos é um dia que ficamos muito orgulhosos do trabalho que estamos fazendo. Ao observar as aves nós podemos realmente ver mudanças em seu comportamento. Elas estão muito longe dos dias em que não prestavam nenhuma atenção aos galhos. Agora, quando uma delas começa a comer, as outras seguem, tendo aprendido que os galhos não são uma coisa perigosa. As aves não apenas estão comendo todos os frutos que estamos oferecendo nos galhos, elas estão também aprendendo a pousar nos galhos tal como fazem na natureza. Ao invés de andar pelo poleiro para olhar sobre os galhos, elas estão voando e pousando neles diretamente. Esse comportamento faz a sua adaptação na natureza muito mais fácil. Eu não posso esperar vê-las pousando em um cacho de motacú e comendo os frutos tão rápido como as aves selvagens!

Preferências

As Araras-de-garganta-azul comeram muitos alimentos não nativos durante os seus primeiros meses na Bolívia. Bananas e uvas eram escolhidas com frequência, enquanto que laranjas e limas nunca eram tocadas. Ameixas e peras também eram oferecidas, mas raramente observadas sendo comidas. As aves sempre comiam todas as suas castanhas com e sem casca! Em geral observamos os machos comendo mais alimento e comendo mais frequentemente do que as fêmeas.

Para mudar a dieta completamente de frutas não-nativas para nativas levou exatamente 3 meses. Nessa época observamos todas as aves comendo entre 13-15 tipos diferentes de frutas nativas por indivíduo e 19 de 20 diferentes tipos oferecidos. Nossas observações diárias foram muito importantes para monitorar o processo da mudança da dieta.

Obsessão por motacú

Durante os primeiros meses de análise da dieta nosso objetivo era em aumentar o consumo de motacú. Motacú é uma grande parte de nossas vidas no dia-a-dia no centro de conservação! Quando motacú descascado era oferecido de início, não se observava serem consumidos. No entanto, todas as aves foram observadas comendo algum tipo de motacú preparado (polpa, pedaços, descascado).

Todas, com exceção de uma ave, Cruz, foram observadas consumindo pedaços de motacú. Houve o progresso no consumo de todas as aves do motacú preparado com a polpa coberta com castanhas, seguido pelos pedaços, descascados e finalmente com casca. Parece que uma vez acostumadas com o gosto, o consumo aumentou.

Na época que os motacú com casca foram oferecidos de novo um mês após a sua chegada, eles foram quase totalmente consumidos por todas as aves. Ainda assim, durante aquele primeiro mês, o motacú nunca foi observado sendo retirado dos cachos naturais ou artificiais. Agora, não apenas as aves jogam os outros alimentos fora para pegar o motacú, elas também os comem sem demora nos cachos.

Se alimentar no solo, proibido

Logo de início, as araras frequentemente derrubavam as frutas antes de consumi-las só para comer mais tarde na parte de baixo do recinto. Já que Araras-de-garganta-azul não comem no chão na natureza, nós queríamos desencorajar esse comportamento. Fizemos isso ao modificar o recinto de maneira que não pudessem chegar até o alimento que era derrubado. Essa ação simples diminuiu a quantidade de alimento que era retirada da parte inferior do recinto dramaticamente e acelerou a transição para comer nos cachos e nos galhos.

Concluindo, nossa primeira experiência de modificar completamente a dieta dessas 6 aves mostra que pode ser feito. De um lado o processo de mudança da dieta nos permite aumentar dramaticamente as habilidades das aves antes da soltura, especialmente a sua habilidade de encontrar e manipular frutos nativos em galhos; de outro lado nós reduzimos quase a zero nossos custos com alimentação, o que é muito importante considerando o cuidado extremo que temos com o patrocínio para o projeto de conservação.

A coisa mais importante é que podemos demonstrar para outros colegas e projetos que esse processo, que é extremamente importante para a sobrevivência de aves soltas, é também uma experiência maravilhosa para as pessoas envolvidas.

Logo nós começaremos a fazer o treinamento especial pré-soltura para nossas aves. Nessa época, iremos começar a oferecer frutas nativas em galhos diariamente e iremos parar de oferecer alimento nos pratos. Esse será o excitante próximo passo no centro de conservação e também para essas magníficas aves. Nós iremos garantir que vocês saberão como as coisas estarão se saindo já que vocês também são uma parte extremamente importante de nosso trabalho de conservação.

Queremos expressar nossos agradecimentos para todos os voluntários que participaram no processo. Agradecimentos especiais aos habitantes locais em Sachojere que estão continuamente nos ajudando a encontrar alimentos nativos e estão tão interessados em saber como as aves estão se saindo e quando estarão finalmente prontas para serem livres.

Desde a Bolívia, escutando as nossas seis Araras-de-garganta-azul e muitos psitacídeos nativos ecoando nos campos, queremos apenas dizer, Vida eterna para os psitacídeos selvagens!

Legendas:

Seis Araras-de-garganta-azul nascidas no Paradise Park em Cornwall, Reino Unido, foram repatriadas para a Bolívia pelo World Parrot Trust em Março de 2013. Cada ave é identificada com uma tinta atóxica no peito.

A evolução nos pratos das araras refletem a sua extraordinária transição de alimentos não-nativos incluindo uvas, bananas e até ração peletizada (acima) para uma dieta feita exclusivamente de alimentos nativos locais da estação tais como o motacú, totaí e sumuqué, ambaibo, coquino, cuti, entre outros (abaixo).

Os frutos da palmeira motacú é o principal item da dieta das Araras-de-garganta-azul selvagens. As aves nascidas em cativeiro estavam receosas no começo. Mas não tardou muito elas aprender a adorar e até mesmo preferir a moacú em comparação a alimentos não-nativos com os quais cresceram conhecendo. Elas também aprenderam a comê-los sem demora nos cachos naturais.

“Arlo” está bastante relaxado no centro de conservação na Bolívia. Ele, juntamente com seus cinco companheiros de viagem, está se ajustando extremamente bem às imagens, sons e gostos de sua terra nativa onde logo estarão voando livres.

O esforço para coletar alimento local da estação se torna muito trabalhoso para a equipe e voluntários conforme as araras fazem a sua transição para sua dieta natural.

Páginas PET

Da seção pergunte aos experts

Jim McKendry é um consultor em comportamento de psitacídeos com formação em ensino e ciência aplicada. Ele vêm trabalhando como um treinador de aves no Santuário de Animais Selvagens Currumbin e atualmente faz workshops anuais sobre comportamento e enriquecimento de psitacídeos de estimação.

Ele é um consultor para indivíduos e organizações, escreve na seção de experts do World Parrot Trust assim como para a revista Australian Birdkeeper. Jim oferece serviços de consultas sobre comportamento e enriquecimento no seu website www.pbec.com.au.

Leia mais respostas dos experts a perguntas em nossa seção Fóruns, Experts e Bloggers no site www.parrots.org

Status de vôo

Pergunta por Bruce

Eu recentemente li um artigo sobre os grandes perigos associados com ferimentos e morte em psitacídeos. No topo da lista estava o fato de não cortar as penas das asas. O artigo apontava os riscos de se voar em janelas, espelhos, panelas e fugas. Eles recomendaram que todas as aves de estimação devem ter penas das asas cortadas. Em outro artigo que li, disse que mais da metade de todas as aves perdidas tinham asas aparadas e que aves com total capacidade de voo tinham uma porcentagem maior de recuperação devido a serem mais capazes de fugirem de predadores e frequentemente sobreviverem por mais tempo até serem encontradas. Eu pessoalmente já tive duas situações quando minhas aves tinham asas aparadas e parei de cortar a 2 anos atrás. Eu acho que ter aves com penas cortadas me fez ser mais complacente e me deu uma falsa sensação de segurança.

Com aves que voam eu estou muito mais consciente dos possíveis perigos. Eu tive cinco cães e meus vizinhos todos tem cães e gatos, portanto, uma ave com penas cortadas não iria durar muito se acabasse saindo. Uma ave que voa iria pelo menos ter uma chance de sobreviver o suficiente para ser encontrada. Para mim, o voo é uma melhor opção. A solução definitiva seria um aviário externo e treino de voo. Existem muitas opiniões contraditórias sobre o assunto. Embora tanto cortar como não cortar tenha seus riscos inerentes, uma opção é muito menos arriscada do que a outra? Eu gostaria de ter mais algumas opiniões sobre o assunto.

Obrigado.

Resposta – Bom dia Bruce!

Muito obrigado por contatar o World Parrot Trust para conselhos e ideias adicionais sobre o que é, em minha opinião, uma das questões mais significativas circundando a manutenção de psitacídeos como animais de companhia.

Sou um grande defensor de se manter a total capacidade de voo de todos os psitacídeos mantidos em cativeiro. Acho com muita certeza que se deve fazer uma mudança fundamental dos paradigmas dos séculos 19 e 20 sobre o que se pensa ser aceitável ou não em relação a nossas expectativas de psitacídeos de estimação. Precisamos desenvolver uma abordagem do século 21 em relação a seus cuidados, treinamento e manejo.

Simplesmente porque psitacídeos evoluíram para se comportar em uma gama de específicas maneiras biológicas funcionais. A fundação do que é comportamento funcional é o voo. Realmente quando começamos a tentar modificar a anatomia de nossos psitacídeos ou criar expectativas deles que são completamente incompatíveis com a expressão de suas tendências biológicas naturais é que experimentamos “problemas de comportamento”.

Não deve ser uma surpresa que quando mantemos psitacídeos em contextos que os permitem socializar, voar, vocalizar, estabelecer territórios, forragear, procriar e se comportar de maneiras biologicamente funcionais é que experimentamos muito poucas dificuldades na sua manutenção.

Em meus quase 20 anos de manutenção de psitacídeos, e mais de 10 anos de consultas com donos de aves de estimação, o corte das penas das asas é, na minha experiência, talvez o precursor número um para muitos dos maiores problemas mais significativos de saúde que encontro. Subsequentemente é uma das principais razões para as falhas num ambiente doméstico. Eu não sigo o pensamento costumeiro de que cortar as penas é uma “opinião pessoal”. Seria essa a escolha de sua ave?

Se somos genuínos e autênticos sobre promover relacionamentos com psitacídeos como animais de estimação construindo sobre uma fundação de respeito, confiança e apreciação, então tais decisões devem ser feitas baseando-se no que é melhor para a ave – não simplesmente levando em conta as limitações ou habilidades da experiência do dono.

Uma abordagem do século 21 para os cuidados com psitacídeos de estimação engloba a sua capacidade de voo. Isso desafia os donos a desenvolverem tanto as habilidades apropriadas de treinamento para manejar o voo com sucesso e criar um ambiente apropriado para garantir que o voo seja seguro. Por fim – são nossas expectativas que nossos psitacídeos de estimação e o ambiente que proporcionamos necessite ser modificado – não suas asas.

As justificativas e razões apresentadas para o corte de penas não são realmente válidas hoje em dia. Bater em janelas, ficar preso no vaso sanitário ou na frigideira, escapar pela porta são todos exemplos com o manejo de uma ave que voa – não sobre a capacidade do voo por si só. Eu frequentemente utilizo a analogia de que seu cachorro de estimação saiu pelo portão e mordeu o carteiro, você iria amarrar as suas pernas para prevenir que acontecesse de novo ou iria garantir que o portão esteja trancado e o cachorro seja treinado?

Psitacídeos, infelizmente, são tudo sobre o que nossos animais de estimação estão sujeitos à uma modificação física socialmente aceita. Nós não mais cortamos caudas ou orelhas em cães (ao menos não aqui na Austrália) e pessoas conscientes iriam considerar a retirada de presas de uma cobra peçonhenta como desumano. Essas práticas eram vez eram aceitas, mas não ao mais. É uma vergonha que alguns membros da comunidade veterinária ainda parecem apoiar o corte de penas das asas.

Promover essa atitude ao manejo e treinamento, proporciona muito da validade social para sua prática continuada. O que realmente precisamos estar defendendo e lutando é por uma educação melhorada para uma abordagem moderna à manutenção de um psitacídeo como pet e ser progressistas sobre nossas atitudes com relação aos cuidados com psitacídeos.

Eu escrevi um artigo de três partes para a revista Australian Birdkeeper em 2008 que proporcionava uma visão bastante completa sobre se manter psitacídeos com capacidade de voo. O segundo e terceiro artigos proporcionam reflexões sobre o treinamento e manejo de psitacídeos de estimação que voam. O primeiro artigo da série discute muito das razões para a manutenção do voo em psitacídeos de estimação.

Vamos definir os limites

Qualquer discussão sobre voo e psitacídeos de estimação realmente precisa começar como uma clara distinção entre os conceitos de “psitacídeo com capacidade de voo” e “psitacídeo com capacidade para voar livre”. O foco desse artigo é estritamente na filosofia, treinamento e manejo de psitacídeos com capacidade de voo – aves que podem ter total capacidade de voo mas são mantidas dentro de casas ou dentro de um aviário apropriado. É crítico que os donos de psitacídeos percebam que proprietários bem sucedidos e éticos de psitacídeos que voam sabem as suas limitações, as limitações das suas aves, e tem uma consciência sobre controlar as muitas potenciais variáveis que vem à tona com a manutenção de aves com capacidade de voo, tanto quanto possível.

Esse objetivo somente é atingido através da implementação de treinamento apropriado e proporcionando uma ambiente adequado e seguro. Quando escolhemos manter um psitacídeo com capacidade de voo, também devemos aceitar as responsabilidades e obrigações essenciais. Sendo estas:

Garantir a segurança e bem-estar de nossas aves em todos os momentos através de arranjos cuidadosos de seu ambiente para voo e;

Proteger a biodiversidade e biossegurança de nosso ambiente natural circundante ao não permitir um psitacídeo que voa sair de seu aviário ou espaço interno para voo.

Seguindo as regras acima irá garantir que os riscos associados com o voo sejam minimizados ou completamente retirados.

Por que manter um psitacídeo de estimação com capacidade para voo?

Na minha experiência como proprietário de psitacídeos que voam por muitos anos, trabalhando profissionalmente com aves que voam no Santuário de Vida Selvagem Currumbin, e através da assessoria com donos de psitacídeos de estimação sobre o manejo de comportamento, eu acredito que manter o voo é tão importante por uma série de razões:

Aumento de comportamentos funcionais: Psitacídeos que mantêm sua capacidade de voo podem ser observados interagindo funcionalmente com seu ambiente em níveis maiores do que psitacídeos negados da capacidade de voar. Nós frequentemente percebemos esse nível elevado de interação como um aumento na confiança e eu certamente concordo com isso. Comportamentos funcionais tais

como forragear e explorar o ambiente proporcionam a fundação para melhores comportamentos em psitacídeos de estimação.

O voo facilita uma melhora significativa de um psitacídeo sobre o controle de seu ambiente ao prover mais chances para decisões e escolhas. Quando tem essas oportunidades, os psitacídeos parecem lidar melhor e se adaptar com mais sucesso às limitações do ambiente de cativeiro.

Redução no desenvolvimento de comportamentos estereotipados: Conforme um aumento na exploração e interação do ambiente é observado, frequentemente há uma diminuição correspondente no desenvolvimento de comportamentos estereotipados. Enquanto que o voo não é uma cura mágica para todos os comportamentos como arrancamento de penas e outros problemas de saúde-comportamentais significativos, frequentemente é um componente crítico de um plano de manejo para evitar o desenvolvimento destes ou reduzir a sua ocorrência uma vez que esteja estabelecido.

Redução no nível de dependência: O próximo passo para uma continuidade do desenvolvimento comportamental que é apoiado através do voo é uma redução no nível de dependência sobre o mantenedor humano. Psitacídeos sem possibilidade de voar frequentemente se tornam quase totalmente dependentes dos humanos para se movimentar ao redor de seu ambiente. O voo é importante para um psitacídeo ao apoiar uma interação física com seu ambiente. Com essa interação vêm um grau de independência que pode reduzir problemas comportamentais associados com uma super dependência de humanos para estímulos sociais e ambientais.

Aumento do relacionamento com o dono através de melhorias no treinamento de reforço: Manter um psitacídeo que pode voar desafia o dono a desenvolver suas próprias habilidades. O treinamento e o manejo de um pet que tem o poder de ser independente e com uma maior influência sobre o seu ambiente é desafiador e estimula o crescimento. É um aprendizado e uma experiência maravilhosa de construção de relacionamento tanto para a ave de estimação como para o proprietário.

O relacionamento entre um dono e um psitacídeo de estimação que voa exige um histórico de fundação em confiança e reforço positivo. Reduzir a super dependência e aumentar o seu papel como um professor e uma presença positiva no ambiente de seu psitacídeo pode ser maravilhosamente recompensador e enriquecedor.

Benefícios terapêuticos para recuperação comportamental e reabilitação: Eu primeiro comecei a trabalhar com outros donos de psitacídeos de estimação no apoio às necessidades comportamentais e de enriquecimento de suas aves em 1999. O voo tem sido crítico na recuperação comportamental de muitas aves com quem tenho trabalhado, particularmente aquelas que desenvolveram os comportamentos de arrancamento de penas.

Frequentemente tem sido uma necessidade fazer recintos de voo externos para aumentar o alcance ambiental e oportunidades para comportamento funcional. Um espaço para voo fora de casa oferece imensos benefícios em reduzir ou evitar completamente problemas comportamentais. Eu certamente encorajaria os proprietários de psitacídeos em considerar construir um recinto externo para voo que seja seguro e protegido para seus psitacídeos de estimação. Eu trabalhei com uma série de clientes no design de tais recintos e a mudança na experiência que tem com suas aves foi magnífica de se observar.

Diagnóstico inicial de mudança na saúde: Um diagnóstico precoce no estado de saúde de um psitacídeo de estimação pode ser totalmente crítico em garantir que a doença seja tratada rapidamente. Não existe dúvida que um psitacídeo que tem o voo como parte de sua rotina diária irá oferecer indícios mais observáveis e óbvios de uma mudança na saúde, comparado a um psitacídeo com asa aparada ou que não voe. Psitacídeos que não voam já tem a tendência a serem inativos por grandes períodos do dia comparando-se com uma ave que voa.

A ingestão de alimento diário também pode ser menor em aves com penas cortadas do que em psitacídeos que voam. Os períodos de descanso frequentemente são mais longos para aves com asas aparadas e algumas podem até mesmo apresentar menos comportamentos vocais do que seria esperado com aves que voam. Essa inatividade pode resultar em uma pessoa que esteja tratando a ave em falhar no reconhecimento dos sinais iniciais de doença normalmente associados com falta de atividade, falta de interação com enriquecimentos, e falta de interesse em objetos novos no ambiente.

Minha caminhada matutina ao redor dos meus aviários irão me dizer rapidamente se alguma de minhas aves não está 100%, simplesmente se baseando em minhas observações de seu nível de atividade, vontade de voar até a mão, e mobilidade geral pelo seu recinto.

O voo completo em psitacídeos em cativeiro oferece tantos benefícios. Eu estou apenas raspando a superfície de desenvolver um argumento completo pela manutenção do voo em nossos psitacídeos de estimação. Espero que eu tenha oferecido alternativas razoáveis a muito do que você tenha lido em outros lugares. Eu encorajaria os membros do WPT a acessarem a série de artigos que pus junto com a revista ABK para desenvolver uma imagem completa da minha filosofia e atitude. Também acesse o podcast a seguir.

Uma ave de companhia com capacidade de voo é sem dúvida um desafio. O dono de psitacídeos de estimação do século 21 irá abraçar esse desafio e espero que deixe um legado para as gerações futuras de donos de psitacídeos que respeitam e se importam com o voo para suas aves.

NOVO PODCAST!

Mantendo psitacídeos com capacidade de voo

Charlie Moores entrevista Jim McKendry
www.psittascene.org

Legendas:

Manter psitacídeos com capacidade de voo dá início a uma variedade de oportunidades para construção de relacionamentos e desafios para quem cuida de modo a manter o treinamento e interações com sua ave baseando-se em comportamentos de reforço positivo tal como esse chamado para que volte voando.

Aviários externos bem planejados proporcionam oportunidades para psitacídeos de estimação voarem, explorarem, forragearem e serem estimulados dentro de um local seguro e protegido.

Psitacídeos com capacidade de voo exibem níveis maiores de interação com itens de enriquecimento e aumentam os níveis de confiança em movimentação, coordenação e comportamento funcional.

A anatomia da envergadura de uma arara diz tudo. Esses animais foram feitos para voar e devem ter oportunidades para fazê-lo em cativeiro para manter sua saúde psicológica e física.

Obrigado...

Nossos sinceros agradecimentos para David Occhino (à esquerda) por suas contribuições para o World Parrot Trust nos últimos dois anos.

A companhia de David, David Occhino Design, se especializa na criação de gráficos customizados para propagandas, televisão e cinema. Ele trabalhou com muitos cliente importantes, incluindo a Walt Disney Company, NBC/Universal, Charles Schulz Creative Associates (donos da franquia Snoopy), o autor Jackie Collins, e diversos produtores de cinema tais como Mark Ordesky, produtor executivo da trilogia Senhor dos Anéis, entre outros.

David doou o tempo de sua companhia para nos ajudar a fazer um update em nosso design e trazer consistência para nossas publicações. Sua habilidade, eficiência e profissionalismo o tornaram excelente para trabalhar em conjunto!

David se aproximou inicialmente ao WPT como um novo sócio e apoiador – um que passou um ano pesquisando as necessidades de psitacídeos antes de adotar uma Ararinha-da-Patagônia chamada Bonsai. David é um indivíduo extraordinariamente talentoso que possui habilidades bastante específicas e um forte desejo de compartilhá-las.

Uma das especialidades de David é a tipografia – a aparência e sentimento que pode ser criado com um texto. Ele trabalhou através de um exaustivo processo conosco para capturar a personalidade do WPT utilizando o texto para cria uma

característica wordmark (acima). Ao mesmo tempo David estava trabalhando para definir e solidificar nosso look utilizando um tipo, cor e imagens.

Este novo look agora está sendo utilizado sistematicamente em nossas publicações impressas e online.

Com o trabalho de base feito nas fontes e cores, o próximo grande projeto foi uma maravilhosa revisão de nosso website (parrots.org – extrema direita) e Newsletter (Flock Talk – esquerda). Ambos são carregados com informações e são de maneira crescente o primeiro lugar que as pessoas encontram o WPT. Colocando em conjunto o mesmo look consistente é de grande benefício e ajuda os visitantes a nos reconhecerem mais facilmente em outros lugares.

O próximo projeto foi uma brochura de associado totalmente nova (direita), que também é um ponto chave de contato com pessoas ao redor do mundo. Esse detalhe importante é um que estávamos esperando melhorar desde algum tempo. O engajamento de David fez isso acontecer – com resultados impressionantes!

E por ultimo a PsittaScene! Nós trabalhamos com David nessa primavera e verão para trazer muitos dos novos elementos do design na PsittaScene ao mesmo tempo amntendo o foco nas fabulosas fotografia e conteúdo. Temos sorte de ter acesso a uma grande variedade de imagens incríveis. Queremos que o estilo da PsittaScene seja elegante e que os psitacídeos permaneçam no centro das atenções. David nos ajudou a melhorar o look enquanto se manteve o layout e funcionalidade que desenvolvemos com o passar do tempo. Esperamos que goste!

PsittaNews

Eventos

IAATE 2014

5-8 de Fevereiro, 2014

Dallas, Texas EUA

A 22 conferência anual Associação Internacional de Adestradores de Aves e Educadores (IAATE) terá lugar em Dallas, Texas, com viagens a campo, workshops, palestras e eventos para confraternizar. A IAATE foi fundada para promover a comunicação, profissionalismo e cooperação entre aqueles indivíduos que servem à Ciência Aviária através do treinamento, demonstrações públicas, pesquisa, manejo, conservação e educação.

<http://www.iaate.org/>

Workshop de Susan Friedman

19-20 de Outubro, 2013

Seattle Parrot Expo

Washington EUA

Susan Friedman PhD irá apresentar um workshop de dois dias Behavior+ Works, Vivendo e Aprendendo com animais na Seattle Parrot Expo. Sábado e Domingo das 09 às 17:00.

<http://www.behaviorworks.org>

Notícias

Periquito-noturno redescoberto

Entre os cientistas Australianos e admiradores de aves, o esquivo Periquito-noturno (*Pezoporus occidentalis*) tem sido algo como o santo graal. Os pequenos periquitos que habitam o solo desapareceram quase completamente em 1912, e foram observados apenas algumas vezes em anos recentes. Umas poucas aves foram relatadas serem vistas – mas não fotografadas – em 1979 e 2005, e dois periquitos mortos foram descobertos em 1990 e 2006. Os cientistas passaram horas quase intermináveis em campo buscando pela espécie perdida, mas até agora nenhuma ave havia definitivamente aparecido.

Mas no começo de Julho de 2013, o naturalista John Young fez uma declaração surpreendente: Após gastar 17.000 horas e 15 anos no campo procurando pelo Periquito-noturno, ele não somente fotografou um, mas o filmou por 17 segundos. Ele exibiu algumas de suas fotos e seis segundos do vídeo em uma sessão fechada no Museu de Queensland em 03 de Julho. As imagens por si não foram liberadas para a mídia; Young disse que ele vendeu os direitos para uma companhia de mídia não identificada.

Fonte: blogs.scientificamerican.com

Juntando-se à Disney

O WPT recebeu 24.750 \$ de patrocínio do Fundo para Conservação Mundial da Disney (DWCF). O prêmio para conservação reconhece os esforços do WPT para conservar o Papagaio-das-Ilhas-Margarita (*Amazon barbadensis*) na ilha de Bonaire, através da sua parceria contínua com a Echo, uma ONG baseada em Bonaire.

O Dr Sam Williams, Diretor da Echo, afirma: “O suporte contínuo do DWCF é crucial para o sucesso de longo prazo desse projeto. O seu comprometimento tem nos assistido enormemente em nossos esforços para proteger os psitacídeos e construir o apoio local para a conservação como um todo”

O Papagaio-das-ilhas-Margarita (abaixo) é uma espécie bandeira restrita a algumas poucas ilhas no Caribe e partes do Norte da Venezuela. O WPT e a Echo estão trabalhando para combater a degradação do habitat e o conseqüente conflito entre humanos-vida selvagem através de um monitoramento integrado da população para compreender a dinâmica populacional e fazendo novos avanços para reduzir o conflito entre humanos/psitacídeos.

O DWCF trabalha para proteger espécies e seus habitat, e conecta as crianças com a natureza para desenvolver valores de conservação por toda a vida. Desde a sua fundação em 1995, o DWCF apoiou mais de 1000 programas de conservação em 112 países.

Fonte: WPT e Echo

Julgamentos por tráfico

No final de Janeiro deste ano um grande carregamento de aves capturadas na natureza foi confiscado na Guiné, África. A sua apreensão de mais de 200 aves incluía cem Papagaios do Senegal, uma dúzia de Papagaios-timneh, periquitos e calopsitas, agapornis, entre outros. A organização Guinée Application de la Loi Faunique (GALF), uma divisão da Organização último Grande Primata (LAGA), lideraram a apreensão e cuidaram das aves, com a ajuda do veterinário patrocinado pelo WPT Dr. Davide de Guz.

Em Julho, depois que as aves foram reabilitadas elas foram liberadas em duas solturas na ilha de Tamara, perto da costa da Guiné. Elas estão se saindo bem nas florestas circundantes à área de soltura. As aves soltas estão se em bandos e forrageando de alimentos locais assim como utilizando a alimentação suplementar fornecida pelos tratadores. Espera-se que uma vez que estejam estabelecidas as aves comecem a se reproduzir.

O WPT forneceu fundos para alimento, cuidados veterinários, um tratador, e o aviário pré-soltura, sendo o primeiro programa de reabilitação e soltura de psitacídeos confiscados na Guiné.

As apreensões e solturas foram seguidas sobre a notícia de várias prisões – um sinal bem vindo da ação policial que não é frequentemente visa nessa área. Em Junho um cidadão Chinês foi preso em Guiné-Conakry por traficar espécies protegidas incluindo psitacídeos.

Em Agosto, também na Guiné-Conakry, um grande comerciante de animais selvagens, Ousmane Diallo, foi preso. Ele era fugitivo desde Janeiro e foi finalmente encarcerado, preso e sentenciado em Julho a uma multa e pena de um ano na prisão. E nos Camarões, cinco traficantes de psitacídeos foram presos e 75 Papagaios-do-Congo foram confiscados. As aves agora estão no Zoológico em Yaoundé, capital dos Camarões.